

Associação médica divulgará dossiê da doença de Tancredo

São Paulo — Um relatório completo sobre o tratamento de saúde do Presidente Tancredo Neves, desde setembro passado, quando os primeiros sinais da sua doença foram detectados, será elaborado pela Associação Médica Brasileira e divulgado à opinião pública, anunciou o presidente da entidade, Nelson Guimarães Proença.

O relatório se baseará nos depoimentos dos médicos que atenderam Tancredo Neves nesse período. Eles serão tomados a partir da próxima semana, em São Paulo, Minas Gerais e Brasília, e que deverá estar concluído em 20 dias.

Os médicos Diomedes Garcia de Lima, de São João del Rei; Renault de Mattos Ribeiro e Francisco Pinheiro da Rocha, de Brasília; Henrique Walter Pinotti, Vicente Amato e Ruy Gomide do Amaral, de São Paulo, estão dispostos a colaborar na redação do relatório.

Permanece reticente, segundo o presidente da AMB, "um médico de Belo Horizonte que examinou o Presidente eleito cinco dias antes de sua viagem à Europa e Estados Unidos, e constatou o problema abdominal, recomendando que ele não viajasse e se submetesse a vários exames". Proença acredita que esse médico — a quem Tancredo nunca mais procurou — ainda será convencido a falar, diante dos propósitos alegados pela Associação Médica Brasileira.

Queda de prestígio

A decisão da AMB de elaborar um relatório "para que a verdade apareça da maneira mais límpida possível", segundo seu presidente, não foi fácil. O assunto foi discutido primeiro entre os 12 diretores da entidade — que congrega 23 associações estaduais, 49 associações científicas e representa cerca de 60 mil médicos de todo o país — e a elaboração do

relatório foi aprovada por sete votos a cinco.

A partir daí, os médicos envolvidos no tratamento do Presidente Tancredo Neves foram procurados e ajudaram a redigir um comunicado lido ontem por Nelson Proença. Em suas 68 linhas, o comunicado começa reconhecendo a queda do prestígio da medicina brasileira, propondo uma reflexão sobre a informação médica e os meios de comunicação, e defendendo um código de ética mais flexível no caso de "doença grave que atinge Chefe de Estado".

A seguir, o documento afirma que 14 de março não foi o início, "mas o momento supremo dessa longa e obstinada luta, durante a qual ele (Tancredo Neves) procurou contar apenas consigo mesmo"; e, apesar de anunciar uma investigação sobre todos os procedimentos médicos adotados no período, termina em tom categórico, isentando de responsabilidade todos os profissionais envolvidos. "Está absolutamente comprovado que foi efetivamente feito aquilo que era necessário fazer", sustenta o comunicado.

Revisão de Pinotti

Para o cirurgião Henrique Walter Pinotti, chefe da equipe que cuidou do Presidente Tancredo Neves em São Paulo, a decisão da AMB de fazer o relatório "é bastante oportuna". Anteontem à noite, Pinotti e o médico Vicente Amato, que comandou o combate à infecção do Presidente, reuniram-se por uma hora e 20 minutos com Nelson Proença, dando os últimos retoques no documento.

Pinotti e Amato pediram que se retirasse do terceiro parágrafo a expressão "muitas vezes partidos de médicos", referente aos pronunciamentos nos órgãos de

divulgação que "colocam sob suspeição a competência profissional com que o Presidente Tancredo Neves foi tratado".

No parágrafo seguinte, substituíram o trecho "a temível complicação conhecida como pulmão de choque, de altíssima letalidade, acabou por comprometer todos os esforços..." por "complicações insuperáveis acabaram por comprometer...".

Mais adiante, suavizaram o trecho que falava da decepção da classe com o relacionamento dos médicos com a opinião pública. A frase "se nada há que reparar quanto à conduta adotada e a competência profissional, o mesmo não se pode dizer do relacionamento entre os médicos e os meios de informação e, através destes, entre os médicos e a opinião pública" foi mudada para "se nada há que reparar quanto à conduta adotada e a competência profissional, vale fazer uma ponderação sobre a informação médica e os meios de comunicação".

Por inspiração de Pinotti e Amato, o documento ganhou o seguinte desfecho: "Finalmente, neste momento de comoução desejo apelar aos médicos para que defendam a dignidade e honorabilidade da medicina brasileira. Está absolutamente comprovado que foi feito aquilo que era necessário fazer. Mas em que pese tal comprovação reconhecemos, humildemente, que acima de nossos propósitos estão os desígnios da divina providência".

Pinotti e Amato, que têm evitado dar declarações à imprensa, mantiveram essa posição e só admitiram falar depois da divulgação do relatório. "Não é hora ainda", alegaram.